

Felipe Saldanha (Mamutte)

Universidade do Estado de Minas Gerais

A estética “tilêlê” e suas dimensões simbólicas nos corpos e na música afro-mineira em Belo Horizonte

Pretende-se nessa comunicação lançar mão das perspectivas simbólicas e conceituais do que veio a ser entendido como tilêlê. Originalmente um vocábulo, um canto, uma reza ou oração, um objeto musical identificado na cultura afro-brasileira, localizada em alguns grupos de origem banto, como o Reinado de Nossa Senhora do Rosário, popularmente conhecida como Congado ou Congadas. Recorremos a ele, que é o objeto de estudo de caso da presente investigação, a fim de compreender a presença e o significado do tilêlê em seu processo de ressignificação, transposto em adjetivo para categorizar ou reificar determinado nicho de pessoas na cidade de Belo Horizonte, em relação à determinadas características sociais, simbólicas, estilísticas, visuais e comportamentais, desse grupo de pessoas. Fenômeno que se deu a partir do deslocamento do tilêlê sagrado para o contexto de midiática e entretenimento, através de seu emprego em espetáculos e obras fonográficas, evocavam como forte característica os sons da instrumentação congadeira, com a utilização dos toques de Caixas, do Patangome, das Campanhas ou Gungas e ainda de Cantos do Reinado de Nossa Senhora do Rosário. Um fenômeno estético-simbólico, econômico e social, que se instaura na capital mineira a partir dos anos 1980. Para isso lançaremos mão da crítica etnomusicológica brasileira para cotejar possíveis implicações nesses processos de hibridações musicais, que acontecem entre a cena musical popular urbana da capital mineira e o Reinado. O objetivo é entender como as adaptações expressivas que emergem desse fenômeno, se distanciam das matrizes afro-brasileiras, processo este que pode nos indicar um apagamento dos corpos e das estéticas negras presentes na origem sagrada do tilêlê.
